

LEVANTAMENTO DE QUESTÕES SOBRE A HOMOFONIA NA TRAJETÓRIA LINGUÍSTICA DA CRIANÇA¹

Glória Maria Monteiro de CARVALHO
(Universidade Católica de Pernambuco)
e-mail: gmmcarvalho@uol.com.br

RESUMO: Tomamos, como ponto de partida deste trabalho, o *espelhamento* concebido por Lemos (2002). Assim, num momento inicial da aquisição de linguagem, a língua se faz presente, nas manifestações verbais infantis, por meio de um movimento que, tanto faz retornar, nessas manifestações, fragmentos sonoros da fala materna, como aproxima/associa tais fragmentos. Nosso objetivo consiste em investigar essas associações que indicam a sensibilidade da criança para a *homofonia*. Assumimos que a aproximação entre sons semelhantes, ainda sem levar em conta o sentido, no início da trajetória linguística da criança, ocuparia um lugar especial na passagem do som ao significante, durante essa trajetória.

PALAVRAS-CHAVE: Espelhamento; som; significante; homofonia.

ABSTRACT: The starting point of this work is *mirroring*, as conceived by Lemos (2002). Thus, at an early moment of language acquisition, *la langue* is present in the child's oral manifestations by means of a movement that serves both to return, in these manifestations, maternal speech sound fragments and to approach/associate such fragments. Our goal is to investigate these associations that indicate the sensitivity of the child to *homophony*. We assume that the resemblance between similar sounds, still not taking meaning into account at the beginning of the child's linguistic trajectory, would play an important role in the passage of sound to the signifier during this trajectory.

KEYWORDS: Mirroring; sound; signifier; homophony.

0.Introdução

Início este artigo, citando Lemos que indica duas tendências dominantes na investigação da aquisição de linguagem, afirmando que: "a negação da teoria linguística coexiste na área da aquisição de linguagem com o recurso a essa teoria como referência para a 'análise' da fala da criança." (Lemos, 1999:14)

No caso da primeira tendência, estaria faltando uma teoria linguística que atribuísse estatuto teórico-conceitual às estruturas de linguagem usadas pela criança. Em virtude dessa falta, ou dessa

¹ Este trabalho foi apresentado no XIX InPLA - V SIL realizado em outubro de 2013 e faz parte de Projeto de Pesquisa financiado pelo CNPq.

negação, a aquisição dessas estruturas seria, em última análise, explicada por atividades perceptuais/cognitivas ou intencionais da criança.

No segundo caso, trata-se do uso da teoria linguística para analisar/descrever a fala da criança. A esse respeito, Lemos et al (2001), em relação às ideias de Saussure, discutem a aplicação da teoria linguística como sua redução a um instrumento de descrição da fala, em busca de regularidades. Por sua vez, destacam que a fala da criança sem dificuldades e a fala com dificuldades ou sintomática – em virtude de seu caráter heterogêneo e imprevisível – parecem resistir a uma tal busca de regularidades.

Podemos inferir, então, que a teoria linguística é fundamental à investigação da aquisição de linguagem, na medida em que não seja usada como instrumento de análise/descrição dessa fala. Em outras palavras, a teoria linguística é fundamental à investigação da aquisição de linguagem, na medida em que permita ao investigador escutar a resistência que a singularidade da fala da criança opõe a seus conceitos ou proposições.

Nesse sentido, fazemos apelo a Jakobson (1971), mais especificamente a sua noção de função poética da língua. Pretendemos, com essa noção, escutar a fala da criança num momento muito inicial de sua trajetória linguística. Ao destacarmos a função poética, em nossa escuta da atividade verbal da criança, lembramos Freud (1980) que aproxima os jogos infantis à criação poética. Convocamos também autores como Figueira (2005), Lier-De Vitto (1998) e Lemos (2002) que, focalizando a dimensão poética da criança, quando investigam os erros e as produções insólitas (no caso de Figueira) e os paralelismos (no caso de Lier-De Vitto e de Lemos), realçam o caráter transgressivo do equívoco, na fala de crianças em seu momento de mudança.

Segundo Jakobson (1971), a função poética projeta o eixo da semelhança ou da equivalência sobre o eixo da combinação. A equivalência é, então, promovida à condição de recurso constitutivo. Por exemplo, em poesia, uma sílaba é igualada a todas as outras sílabas da mesma palavra, cada acento de palavra é igualado a qualquer outro acento de palavra e fronteira de palavra iguala fronteira de palavra. Partindo de Hopkins, Jakobson (1971) propõe que o verso é fundamentalmente, mas não unicamente, uma figura de som que se repete, assumindo em seguida, a concepção de Valéry, segundo a qual a poesia consiste na hesitação entre som e sentido. Nessa perspectiva, em qualquer que seja o tipo de rima, a relação entre som e sentido está sempre presente. Enfim, para esse autor a Poética, no sentido mais lato da palavra, ocupa-se da função poética, não apenas na poesia, onde tal função é dominante, mas também fora da poesia, quando alguma outra função se sobreponha a função poética.

1. Resistência que a fala da criança opõe à função poética

Nesta discussão, assumimos a proposta de que a resistência que a fala da criança, num momento muito inicial de sua trajetória linguística, opõe à função poética, conforme elaborada por Jakobson (1971), consistiria numa ruptura da relação entre som e sentido proposta por esse autor. Dizendo de outro modo, a nossa escuta para a resistência que as produções infantis opõem a essa noção de função poética, consiste em escutarmos esse ponto de ruptura entre som e sentido, numa tentativa de resistir ao movimento de atribuir sentido (ou sentidos) às realizações sonoras da criança.

Como exemplo, citamos, então, o caso de uma criança que, aos 15 meses, repete constantemente o segmento *Ca* o qual aparece nas expressões: *Ca papai*, *Ca vovô*, *Ca vovó*, *Ca titi*, provavelmente como restos sonoros de cenas anteriores em que os pais mostram os carros, dizendo: *carro de papai*, *carro de vovô*, etc. Num determinado momento, na casa dos avós, o avô mostra à criança um quadro pendurado na parede, pronunciando pausadamente: *quadro*. A criança repete *Ca* e, imediatamente depois diz: *Ca vovó*, *Ca papá*, aproximando, homofonicamente, *quadro* e *carro*.

Num outro momento, pegando o colar da avó, que estava sobre uma mesa, a criança diz: *Ca vovó*, produzindo imediatamente depois: *Ca vovô*. A avó refuta, dizendo: *homem não usa colar; quem usa é mulher*. Simultaneamente à fala da avó, o menino verbaliza: *ca papai*, *ca titi*.

Com fundamento em Lemos (2012), podemos dizer que o segmento *quadro* convocou *carro*, na escuta da criança, em virtude de uma semelhança sonora. No segundo momento, o grupo sonoro *colar* evocou, na verbalização da criança, o segmento *ca* que se associou a *ca* de *carro*.

Em outra ocasião essa criança, aos 18 meses, está no carro do avô, brincando com o cinto de segurança e repete insistentemente: *cabô*, *cabiu*; *cabô*, *cabiu*....

Assim, *carro*, *quadro*, *colar* se aproximam, na escuta da criança, em virtude de uma semelhança sonora. Poderíamos falar, então, numa projeção do eixo da semelhança sobre o eixo da contiguidade, evocando as palavras de Jakobson. Nessa perspectiva, o som de um fragmento (sílabas) de um conjunto sonoro (palavra) teria igualado o som desse fragmento (sílabas) em outros conjuntos sonoros.

No entanto, nessas aproximações sonoras, não se trataria de uma relação com o sentido, localizando-se aí a escuta da resistência que a singularidade das realizações sonoras dessa criança opõe ao conceito de função poética de Jakobson (1971). Nessas realizações sonoras, não se trataria, ainda de significantes e, portanto, não se poderia falar em equívoco.

Ao que tudo indica não se poderia falar em homofonia, pois não se trata de uma semelhança sonora com sentidos diferentes. Poderíamos apenas dizer que se trata de jogos de sons. Em outras

palavras, a criança joga com a materialidade sonora, uma vez que esses jogos lhe causam prazer.

Convém realçar ainda que, em se tratando da criança, essas aproximações podem implicar uma redução de certas diferenças fônicas. Em relação a *quadro* e *carro*, o [kwa] foi reduzido a [ka], embora, em ambos os casos os dois segmentos (que formam *ca* [ka]) encontrem-se em uma mesma sílaba. Por sua vez, no que diz respeito aos conjuntos sonoros *carro* e *colar*, tanto os segmentos (que formam *ca* [ka]) encontram-se em sílabas diferentes, como se diferenciam do ponto de vista rítmico: *carro* é dissílabo paroxítono e *colar* é dissílabo oxítono. Assim, o segundo caso (*carro-colar*) deixa, especialmente, visível o fato de que a homofonização, que ocorre na fala da criança, no início de seu percurso linguístico, opõe resistência à busca de uma regularização baseada nos padrões da língua constituída.

Retomemos o que foi destacado antes, pelas autoras citadas: tanto a fala da criança sem dificuldades, como a fala com dificuldades ou sintomática – em virtude de seu caráter heterogêneo e imprevisível – parecem resistir a uma busca de regularidades. No entanto, essa resistência ganharia especial visibilidade, quando se trata de falas de crianças com dificuldades, em virtude de sua heterogeneidade marcante, conforme vem sendo pesquisada pelo grupo de Clínica de Linguagem da PUC-SP/DERDIC.

A título de ilustração, transcreveremos dois episódios de Carlos, nome fictício de uma criança que chegou a uma instituição de acompanhamento terapêutico da cidade onde mora, com diagnóstico de autismo. Os episódios foram recortados de sessões de terapia, as quais foram registradas em vídeo, quinzenalmente, durante um período de seis meses, fazendo parte do Banco de Dados do Projeto: Linguagem e autismo (CNPq). Carlos apresenta, de forma dominante, movimentos corporais (com ou sem vocalização), bem como expressões verbais com a marca de ecolalia.

C=criança T= terapeuta

Episódio 1 (C-5 anos e 2 meses)

C: (Bate com as mãos rapidamente nas costas. Pega uns bonecos)

C: Deixa aí. Deixa aí. (Põe os bonecos ligados pela cabeça).
Puxa aí.

T: Ah, puxa aí. (Canta Gata Pintada).

T: Canta. Agora é tua vez.

C: (Canta, fazendo o movimento de beliscar a mão). Canta a música toda e fica dizendo: puxou, puxou.

Episódio 2 (C-5 anos e 3 meses)

C: (Tenta colocar a caneta em pé, no cume da casa. Senta-se. Aperta as pernas entrelaçadas). Ra, a, Ra (Silêncio). Puxa, xu, xape.

T: Xa – Ca?

C: (Olha para a terapeuta).

T: Xu, cu, xá?

C: Xaspion.

T: Ah! É xaspion.

C: Xa, xion, pi.

T: Xeigeman.

C: Xaspion. (Olha para a terapeuta).

T: Xeigeman.

C: Xaspe

T: Xaspe.

Pretendemos destacar o fato de que, nas manifestações verbais do menino, no episódio 1, o *deixa* (de *deixa aí*) convocou o *puxa* (em *puxa aí*) que possui o mesmo segmento sonoro final /xa/. Nesse sentido, realçamos o episódio 2 em que o segmento sonoro *xa*, provavelmente de *puxa* verbalizado por Carlos nesse episódio, aparece na posição inicial de várias produções estranhas do menino, deixando ver um jogo sonoro realizado com esse segmento. Além disso, as duas palavras (*deixa* e *puxa*) possuem a mesma configuração rítmica, na medida em que ambas são ditongos paroxítonos. Em outras palavras, as manifestações verbais estranhas, inusitadas – *xape*; *xaspion*; *xa*, *xion*, *pi*; *xaspe* –, ao surpreenderem o investigador, dão realce ao eco que ressoa nessas manifestações, por meio do segmento /xa/, ao mesmo tempo em que suspende a tentativa de lhes atribuir sentido.

2. Considerações finais

Segundo Porge (2012), o eco consiste na representação sonora da voz. Para esse autor, o estágio de eco estaria ligado ao momento de passagem do grito ao apelo e à palavra, concebendo-o como um momento estrutural no percurso de constituição do sujeito, momento em que a voz se separa do eco sonoro.

Assim, a língua se faria, inicialmente, presente nas verbalizações infantis, por meio do reflexo, ou do eco da sonoridade da voz materna, na escuta da criança, tanto constituindo fragmentos sonoros, como aproximando ou associando, entre si, esses fragmentos.

No entanto, nessas aproximações sonoras – conforme foi indicado nas manifestações verbais da criança sem dificuldades e realçado nas manifestações verbais da criança com dificuldades ou sintomáticas –, não se trataria de uma relação com o sentido. Enfim, não haveria, ainda, relação som-sentido, mas uma desarticulação entre som e sentido. Talvez, por isso, a noção de eco com seu caráter

de reverberação seja a maneira mais próxima de nomear essa desarticulação.

Supomos, então, que, nas produções muito iniciais da criança, o que transgride a função poética conforme concebida por Jakobson (1971), ultrapassando, portanto, os limites da linguística, seria a ausência de vínculo entre som e sentido, em relação à qual nem se poderia falar em homofonia, conforme foi indicado.

Para finalizar, indagamos, se a dimensão de eco das produções infantis não deveria ser mais investigada, para que se pudesse dar maior visibilidade ao lugar que essa dimensão ocuparia na passagem do som ao significante, durante a trajetória linguística da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGUEIRA, R. A. A Criança na língua: erros de gênero como marcas de subjetivação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 47, p. 29-47, 2005.

FREUD, S. *Escritores criativos e devaneios*. Edição Standard das Obras Completas de Freud, vol. VIII, Rio de Janeiro: Imago, 1980.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1971.

LEMOS, C.T.G. Sobre o "Interacionismo". *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 11-16, 1999.

_____. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação, *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, 42, p. 41-69, 2002.

LEMOS, C.T.G. et al. Le saussurisme en Amérique Latine au XXe siècle. In: Colloque International: Saussure Après un Siècle, Junho de 2001, Archamps, France-Genève, Suíça.

LIER-DE VITTO, M. F. *Os monólogos da criança - delírios da língua*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 1998.

PORGE, E. *Voix de l'écho*. Toulouse: Éditions Érès, 2012.